

o recheio. Por cima do facheiro coloque a massa e leve ao forno.

RECHEIO:

Um molhe com tomate, cebola, pimentão, salsicha ou frango e tempere a gosto.

Pãozinho de Queijo

- 2 copos de polvilho azedo
- 1 copo de leite
- 1 copo de óleo
- 2 ovos
- 1 pires de queijo ralado
- 1 pires de fôr de milho

Bater no liquidificador até ficar homogêneo, pingar nas forminhas.

FRANGO NA CERVEJA

Tempere um frango, arrume numa assadeira ou tabuleiro, jogue mais de óleo por cima. Coloque um pedaço de bacon em cima de cada pedaço de frango. Assar a 180°C até dourar.

GIOVANA CARRARO



BOLO DE FUBÁ (SEM GLÚTEN)

NÍVEL DE DIFICULDADE 000  
TEMPO DE PREPARO  
RENDIMENTO

INGREDIENTES:

- 4 claras em neve
- 4 gemas
- 1 vidro de leite de coco
- 1/2 xíc. de açúcar
- 1 xíc. de fubá



...Bata as gemas com o açúcar até ficar fofo. Adicione o leite de coco e o fubá. Bata até ficar homogêneo. Coloque em uma lata e leve ao forno.

# SOBRE COZINHAS E SEUS SUJEITOS –

## apontamentos sobre uma pesquisa doutoral

JUZELIA DE MORAES SILVEIRA\*

**RESUMO** Este artigo busca traçar algumas considerações sobre minha investigação doutoral – Ao sabor das Narrativas: sujeitos, cotidiano e práticas de cozinha – na qual me propus a pensar como os sujeitos produzem-se e são produzidos com base em suas práticas de cozinha. Para tanto, apresento nesta escrita apontamentos sobre como realizei diálogos entre os estudos do cotidiano, a cultura visual e os fazeres culinários, e de como essa temática adentrou o âmbito acadêmico e se constituiu dentro dele.

**PALAVRAS-CHAVE** Práticas de cozinha. Estudos do cotidiano. Cultura visual.

# ON KITCHENS AND THEIR SUBJECTS –

## notes on a doctoral research

**ABSTRACT** This article seeks to outline some considerations on my doctoral investigation entitled *To the taste of narratives: subjects, everyday life, and cooking practices*, in which I observe how subjects produce themselves and are produced from within their cooking practices. Therefore, I present notes on how I established dialogues between everyday studies, visual culture and culinary works, and how such theme entered and constituted itself in the academic context.

**KEYWORDS** Cooking practices. Everyday life studies. Visual culture..

\* Professora da Universidade do Estado Santa Catarina e da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás  
Recebido em 9/8/2015. Aprovado em 29/3/2016.

## *Como as práticas de cozinha se tornaram tema para a pesquisa?*

**P**ara iniciar esta escrita, que busca contar brevemente como se deu a construção de minha tese “Ao sabor das narrativas: sujeitos, cotidiano e práticas de cozinha”, preciso primeiramente explicar de onde surgiu o interesse e o desejo de trazer essa temática para o âmbito acadêmico.

Há anos ganhei um caderno de receitas e nele passei a colecionar não somente receitas, mas também artefatos de outras ordens, como figurinhas, imagens variadas de revistas, folders de eventos, entre outros. Tratava-se de uma coleção de elementos variados que atraíam por alguma razão o meu interesse e, mais ainda, que de algum modo registravam momentos e circunstâncias.

Essa prática tem como referência a lembrança de minha mãe, que, assim como eu, possuía um caderno em que também colecionava artefatos presentes no seu dia a dia. Cresci vendo-a envolta naquele ritual: juntava ou anotava o que lhe despertava a atenção, guardava e, em algum dia de descanso das atividades domésticas, sentava à mesa para colar no caderno de receitas aquilo que havia recolhido por algum tempo. Assim, foi criado esse caderno de receitas que entrecruzava anotações importantes para a vida de uma dona de casa e artefatos que denotam desejos e sonhos que iam além do âmbito doméstico.

As imagens ali presentes vão sugerindo traços da narrativa de uma pessoa, de sua vida, de seu dia a dia. São registros de um momento particular, de um contexto específico. Pelos elementos contidos no caderno vai-se desenhando um sujeito e, ainda que sem a possibilidade de traços bem definidos, vai-se estabelecendo uma quase forma, delineada pelos rastros daquilo que perpassava e afetava a vida daquela mulher.



Cada narrativa, construída sob a perspectiva das práticas de cozinha, traz uma infinidade de questões outras que aparentemente em nada tem a ver com esse âmbito. Cozinhar não envolve somente a compreensão e utilização de técnicas para o preparo de um alimento, mas também gostos, preferências, possibilidades e impossibilidades de fazer, interações com demais pessoas, direitos e deveres no acesso às cozinhas...

Compreendido isso, iniciei reflexões sobre minhas experiências com as práticas de cozinhas, sobre como o envolvimento com esse fazer contava sobre produções de subjetividades, sobre criação e desenvolvimento de posturas e opiniões. Para tanto, criei diálogos iniciais com as duas histórias desenhadas por meio dos cadernos de receitas, traçando distinções e aproximações entre a relação de minha mãe com o fazer culinário e a minha forma de contato com essa atividade.

À medida que desenvolvia os primeiros escritos, senti o desejo de saber que outras histórias poderiam ser pensadas sob a perspectiva dessa atividade cotidiana, ampliando as questões que poderiam ser desenvolvidas tendo esse tema como propulsor. Assim, decidi convidar mais quatro participantes para auxiliarem-me na investigação. Primeiramente uma moça e um rapaz, ambos participantes de uma confraria de amigos constituída com a proposição de encontros gastronômicos.



Páginas do meu caderno de receitas. Imagens do acervo pessoal.

Em um segundo momento (e já comprovando um pouco daquilo que acreditava), conheci uma senhora que estava escrevendo um livro de memórias das suas experiências culinárias. No mesmo período, iniciei um contato maior com uma colega do doutorado sanduíche que, após ter me ouvido falar sobre a pesquisa, relatou-me inúmeras questões pensadas com base em sua história e seu envolvimento com a cozinha.

Com os quatro participantes, realizei encontros que tinham inicialmente como proposição o relato de seus interesses e contatos com as práticas de cozinha. Para introduzir o tema e a proposição, contei-lhes brevemente sobre meu interesse de pesquisa e de onde havia surgido, passando assim pela referência aos cadernos de receitas e sobre minhas experiências no âmbito culinário. Desses relatos produzidos, destaquei temas recorrentes que busquei aprofundar ao longo da pesquisa, realizando para isso, no decorrer dos quatro anos, outros contatos que desdobraram outras interlocuções.

Entretanto, gostaria aqui de dedicar-me sobretudo aos dois últimos contatos, em que foi proposta aos participantes uma “troca de receitas”. Enviei a eles relatos pessoais em que, por meio da realização de algum alimento, pensava e problematizava questões presentes naquele momento, reconstruindo imageticamente, por meio de memórias, alguns cenários, situações, pessoas...

Convite para uma “troca de receitas”, obtive dos participantes relatos riquíssimos que me fizeram crer cada vez mais na potência contida nas ações cotidianas. No entanto, é importante ressaltar que tal pesquisa se fez possível sobretudo porque foi construída sob a perspectiva de um campo de conhecimento que prima justamente pela atenção às micronarrativas, que se propõem a incitar reflexão sobre como os sujeitos são produzidos de acordo com discursos que os circundam e de como, então, esses mesmos indivíduos podem ser operadores de mudanças por meio de suas pequenas ações, pela maneira como veem a si mesmos e o local que habitam.

Tendo assim o subsídio teórico e conceitual da Cultura Visual para traçar essa investigação, busquei também aporte nos Estudos do Cotidiano para aprofundar as problematizações acerca de como os sujeitos se produzem e são produzidos por meio das suas práticas cotidianas, no caso, tendo a prática de cozinha como foco investigativo.

Relato a seguir como me utilizei da Cultura Visual e dos Estudos do Cotidiano para construção desta pesquisa.

## *Pesquisando cozinhas e cozinheiros por meio dos Estudos do Cotidiano e da Cultura Visual*

Desde o início desta pesquisa percebi a possibilidade de buscar aporte nos referenciais dos Estudos do Cotidiano e, à medida que tinha contato com cada autor, ia me dando conta de que os cotidianos são de fato muito mais complexos do que comumente os dizem. O que trago aqui ainda é fruto de uma aproximação que considero inicial com autores e suas abordagens, mas que também já se pretende contínua, pois nos Estudos do Cotidiano encontrei apoio para dar relevo a temas que normalmente são desprezados e/ou subestimados.

Pensando nisso, tomo como base para esta argumentação uma frase de José Machado Pais que diz: “o cotidiano seria o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar”. (Pais, 2003, p.28). Creio que essa seja uma consideração significativamente pertinente àqueles que se propõem a desenvolver uma pesquisa que se pautem naquilo que constitui o cotidiano, pois convoca a sensibilidade do pesquisador para o que comumente é tratado como irrelevante, repetitivo, tentando provocar o olhar para a riqueza contida na vida cotidiana e nas pessoas que a formam. Desse modo, reconhecer que o cotidiano (contrário ao que pode sugerir) é ativo, vivo e repleto, já impulsiona um primeiro passo às incríveis descobertas que ele pode reservar. Essa sensibilidade então seria empregada na busca pela pluralidade possível e presente naquilo que parece marcado pela mesmice.

Foi assim que busquei nas cozinhas e nos sujeitos que as constituem essa diversidade de maneiras de se relacionar com aquele espaço, de criar no que tende a se repetir e automatizar, a unicidade conferida pelo que cada um traz de particular. Trata-se de modos distintos de apropriar-se de um local, de seus utensílios, de compor para si uma maneira peculiar de criação, com motivações, roteiros e objetivos específicos. Aquele que cozinha o faz para alguém (ainda que esse alguém seja ele próprio), cozinha sob determinadas condições, cozinha adotando uma referência... E, a partir disso, constitui-se como sujeito pela forma como se relaciona com determinada prática.

Por essa razão, os cotidianos indicam ações permeadas por sentidos que vão além da mera realização de algo, já que estão envoltas também por negociações do sujeito com aquilo que o circunda. Pelas vias do pensamento de Certeau (2000,

2003) os “sujeitos anônimos do cotidiano” encontram, por meio de suas distintas formas de fazer, de “praticar” o cotidiano, maneiras diversas de jogar com o sistema sociocultural do qual fazem parte.

Compreende Certeau que essas atuações microscópicas do sujeito constituem-se como “artes do fraco”, uma vez que são inventividades criadas pelos sujeitos comuns nas maneiras de uso daquilo que é estabelecido, dado e imposto pelo contexto. Disso surge um dos conceitos centrais na obra do autor, as táticas: “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas [...]” (Certeau, 2003, p.104).

No caso das práticas de cozinha, essas táticas poderiam ser pensadas nos distintos modos de se relacionar com as cozinhas que jogam com aquilo que é imposição, que restringe, que instaura concepções e normativas sobre os indivíduos... Nas falas dos participantes da pesquisa, foram destacadas questões que propiciavam a compreensão de como o cozinhar era desenvolvido mediante concepções de um dado momento social, de acordo com as condições econômicas, diante de entendimentos sobre direitos e deveres de cada um deles em relação àquela atividade. Por essa razão, em alguns relatos, o acesso à cozinha apareceu como uma forma de conquista: conquista no sentido de escolha de como e para quem cozinhar; conquista pelo acesso a saberes por vezes inacessíveis em razão das normativas de gênero; conquista sobre as dificuldades econômicas, em que a possibilidade de produzir algo exalta a obtenção de melhores condições de vida.

Com isso, aos poucos foram desdobrando-se algumas percepções acerca de como aquele fazer delineava-se de acordo com as estruturas de cada contexto, de mesmo modo que podia ser um meio de repensar posturas e concepções acerca de si mesmo em meio ao espaço do qual se fazia parte. E, nesse sentido, estabelece-se um diálogo profícuo entre os Estudos do Cotidiano e a Cultura Visual, uma vez que ambos propõem um redirecionamento do olhar para os “sujeitos anônimos”, para os pequenos movimentos realizados em seus contextos, que pensam esses sujeitos como parte ativa e relevante naqueles espaços em que parecem não possuir voz.

Por isso, para Victorio Filho (2005) a invenção do cotidiano proposta por Certeau observa as práticas que vamos desenvolvendo no dia a dia como potências como pequenos focos de ação que podem assumir uma dimensão macro, à medida que essas criam uma superfície multiforme que indaga o instituído.

A invenção do cotidiano é, também, a teoria da invenção, a partir do momento que explicita a potência dos deslocamentos dos aparatos de apreensão do que é dado como limite do real. Sua abordagem é a reinvenção das narrativas, das escrituras, das omissões e oclusões das pequenas ações humanas. Essa reinvenção das coisas é a manifestação do poder de criação nos modos de ver e sentir o mundo. Essa reinvenção da percepção do mundo permite, por meio de sua estética própria, saber que as banalidades que constituem a vida quase imperceptível e tangível do dia-a-dia são também micropotências que consubstanciam os grandes acontecimentos. (Victorio Filho, 2005, p.58)

Entretanto, para que os fazeres cotidianos desenvolvam-se como ações ativas nos contextos vividos pelos sujeitos praticantes, há um reconhecimento de si, da compreensão de limites de movimento nesses espaços, de diálogos e envolvimento com as coisas e pessoas que fazem parte desses. Desse modo, os fazeres decorridos das práticas de cozinhas, mais do que tramarem jogos entre sujeito e seu contexto socio-cultural, produzem-nos.

Diante disso, tecendo uma reflexão sobre o conceito de tática apresentado por Cer-teau, Mirzoeff faz referência a ela compreendendo que a Cultura Visual atua como uma tática, uma vez que deve “explorar as ambivalências, os interstícios e lugares de resistência na vida cotidiana pós-moderna, do ponto de vista do consumidor”. (Mirzoeff, 2003, p. 27). Desse modo, a Cultura Visual e os Estudos do Cotidiano se unem à medida que se voltam para os movimentos de resistência ao normativo e instituído, que pensam a partir da perspectiva do consumidor, a adoção de desejos e crenças, que compreendem os sujeitos do cotidiano como atores que constituem os jogos discursivos em que os regimes do ver atuam sobre os indivíduos e os locais que habitam. E, em movimento cíclico, esses indivíduos atuam na produção de novos discursos (ou em sua reiteração) e espaços.

Uma vez que minha proposta consistia em convidar para ponderações com base em experiências vividas com relação às práticas de cozinha, buscando remontar os cenários, sujeitos e elementos presentes nos momentos vividos pelos participantes da pesquisa, recorri aos conceitos de eventos e fenômenos visuais, propostos por Illeris e Arvedsen (2011). Esses conceitos me pareceram adequados à pesquisa que empreendia, sobretudo por compreenderem a imagem como uma subcategoria dos fenômenos visuais, reconhecendo que as relações entre observador e observado envolvem muito mais do que a visão, evocando o uso dos demais sentidos nesse processo.

De acordo com os autores, os fenômenos visuais seriam tudo aquilo com que nos propomos a interagir por meio da visão, enquanto os eventos visuais seriam as relações complexas entre o observador e o observado, envolvendo nisso os sentidos despertados no corpo que vê, considerando-o como situado em um contexto específico. Assim, o diálogo entre observado e o ato de observar pode abarcar relações corporais, da imaginação, da memória... de modo a pensar o evento, para além dos objetos.

Desse modo, a pesquisa constitui-se sob a perspectiva da Cultura Visual, enfatizando as sensações despertadas pela visão, afetadas também pelos demais sentidos. Compreendeu igualmente os relatos produzidos tanto pelos participantes quanto por mim como construídos por imagens e configurados como experiências visuais. Por essa razão as narrativas produzidas pelos participantes e por mim tiveram como propósito evocar, reconstruir, sinalizar, discorrer e problematizar práticas de cozinhas por nós experienciadas a fim de pensar, diante do que propõem os Estudos do Cotidiano, como essas constituem ações que subvertem sutil e despreziosamente as normativas socioculturais (Moraes Silveira, 2015, p.19).

Partindo da concepção de que “as narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos” (Brockemeier & Harré, 2010, P.7), procurei, por meio dos pontos suscitados nos relatos produzidos, desenvolver problematizações sobre como os sujeitos narravam-se e percebiam-se por meio de suas experimentações culinárias. Com isso, busquei também destacar como cada história pessoal entrecruza-se com demais histórias, como cada experiência pessoal está situada e compõe um contexto mais amplo. Nesse sentido é importante lembrar que as narrativas são construídas e pautadas por estruturas discursivas que constituem cada âmbito sociocultural (Brockemeier & Harré, 2010), de modo que se desenvolvem tomando como base preceitos, referências, normas socioculturais que as circundam.

Assim, o narrar-se por meio de tal prática trouxe à luz os contornos discursivos que permeavam cada uma das cozinhas narradas e de seus cozinheiros. Disso, surgiram as questões desenvolvidas na pesquisa, compreendendo, então, que esses espaços são formados por determinadas estruturas, de mesmo modo que os constituem. A seguir destaco uma das principais questões problematizadas no decorrer da investigação, a qual introduz a noção de como o sujeito produz a si mesmo desde suas práticas cotidianas e, com isso, promove pequenas formas de resistência.

## *O que as cozinhas contam sobre seus sujeitos?*

A primeira questão abordada na pesquisa, e que aqui apresento, diz respeito a como as distintas maneiras de cozinhar podem gerar microrresistências por parte daqueles que empreendem tal ação. Busquei, ainda, nessa parte da investigação, desenvolver os diálogos com os participantes, pensando que as maneiras de se relacionar com um fazer acabam por constituir aquele que pratica.

Decidir aprender algo, definir as formas de produção, determinar objetivos e pessoas envolvidas... todas essas ações, por mais simples que possam parecer, dão-se por meio de limites e acessos. Nem todos podem fazer parte de uma cozinha e tampouco do mesmo modo. Nem todos têm acesso aos artefatos que a compõem. Portanto, o ato de cozinhar é também um movimento do sujeito em relação àquilo que foi dito sobre o que pode e em que determinadas circunstâncias.

Uma das participantes traz em seus relatos a lembrança da cozinha, quando administrada por sua mãe, como pautada no trivial em razão do gosto dos demais membros da família e ainda em virtude das dificuldades financeiras. Em uma passagem menciona:

[...] teve uma época, que meu pai tava desempregado e acho que o limão tava 19 centavos... que, tipo, só tinha suco de limão lá em casa... Na minha cabeça, suco de limão tem gosto de desemprego. Assim, se for uma limonada suíça, com raspinhas de limão e tudo mais... tá lindo! Mas naturalmente assim, o suco de limão tem gosto de desemprego, eu tomo e lembro uma época tão ruim da vida... (Participante I, 2012)

Entretanto, esse olhar acerca do vivido, das dificuldades encontradas em determinados momentos é a possibilidade e o que movimenta o desejo de transformação. Movimenta o fazer e o colocar-se de modo distinto diante de determinada questão. Esse movimento procura promover pela mesma prática (cozinhar) aquilo que outrora marcava “uma época tão ruim da vida”, a busca do fazer distinto que se configuraria como a vitória sobre aquilo que era condição e limitação.

Assim, para ela, esse local ficou marcado por momentos de escassez e de pouca inventividade, de modo que cozinhar tornou-se então uma conquista sobre a carência de recursos, a exaltação do poder fazer algo, de poder escolher.

Dialoga com seu relato uma receita sobre polenta, enviada por outra das participantes. Essa receita é desenvolvida numa abordagem histórica, utilizando um relato

sobre como tal prato marca a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil. Explica a participante que a farinha de milho era um dos ingredientes mais baratos e acessíveis aos imigrantes naquele período, de modo que a polenta tornou-se um símbolo de um momento vivido por um povo na busca pela conquista de um espaço, das circunstâncias vividas até o efetivo estabelecimento em terras brasileiras.

A participante, descendente de italianos, conta como foi ensinada por sua mãe, desde cedo, a produzir tal alimento, ressaltando assim a tradição daquele saber e a exaltação de uma memória que se faz viva também por meio da culinária. Para ela, a perpetuação desse prato também é uma tentativa de se apoderar, mesmo que ilusoriamente, de uma parte daquele passado e buscar recriá-lo para si e para os outros com toda carga de afeto que dele se pode extrair.

No relato das duas participantes há ainda a referência aos ensinamentos passados de mães para filhas acerca dos conhecimentos a que deveriam ter acesso e das atividades pelas quais deveriam responsabilizar-se. Em seus relatos ficam claros aspectos que se reportam aos discursos que circundam as definições e produções de gênero. Neles, as concepções sobre construções de gêneros mostram o quanto são referendadas e delineadas por meio de práticas desenvolvidas no dia a dia, o quanto se consolidaram por meio delas ao longo dos anos.

Por essa razão, uma investigação acerca dos sujeitos que fazem parte das cozinhas, que são incumbidos dos fazeres nelas desenvolvidos, evoca o olhar sobre histórias comumente invisibilizadas, mas que carregam consigo testemunhos de contextos e momentos específicos, de concepções ideológicas, de discursos e normativas. Assim, procurei trazer a atenção sobre as histórias de mulheres, longamente ignoradas e/ou subjugadas sob a perspectiva histórica, mas tão atuantes na construção social.

Os olhares sobre o feminino, as atenções sobre as histórias quase invisíveis, as agências, negociações nas formas de ver-se e ver o mundo, as representações adotadas e questionadas vão justamente ao encontro da proposta da Cultura Visual, que possui como um de seus principais propósitos promover uma “meditação sobre a cegueira, o invisível, o oculto, o impossível de ver e o despercebido” (Mitchell, 2002, p.236). Nisso, são colocados em evidência os jogos de poder tecidos pelas representações desenvolvidas no seio de práticas do dia a dia e os movimentos de criar a si mesmo desde o que se vê e o que se narra como constituinte identitário.

Pensar-se a partir de uma prática desenvolvida evoca uma atenção sobre o que se é e como se chegou a ser como se é, pois aquilo que se faz no decorrer dos dias é marcado e significativamente condicionado por concepções que se criam sobre as posições e movimentos que cada sujeito pode ocupar e exercer. A respeito disso, afirma Giard que

[...] cozinhar envolve um número complexo de circunstâncias e de dados objetivos, onde se confrontam necessidades e liberdades, uma confusa mistura que muda constantemente e através da qual se inventam as táticas, se projetam trajetórias, se individualizam maneiras de fazer. (Giard, 2003, p.271)

Portanto, à medida que se detém pouca atenção sobre determinados indivíduos e seus fazeres, são produzidas invisibilidades, ordens hierárquicas, desigualdade de forças. É nesse sentido que o convite para a pessoa pensar sobre si mesma também é um convite para promover movimentos outros, ainda que em escala microscópica, projetando formas outras de ser ou distintas daquela que lhe é conferida.

As duas participantes citadas mencionam o quanto encontraram no fazer culinário uma possibilidade de criação particular, de satisfação pessoal. A participante I enfatiza o quanto encontrou a possibilidade de subverter aquilo que a ela foi sugerido como dever, tornando o cozinhar uma ação caracterizada sobretudo por seus gostos e decisões. Ela menciona que resistiu muito tempo às aprendizagens culinárias, sobretudo por pensar que se tratava de algo repressor em relação às mulheres.

Quando conversamos em nosso segundo encontro, relatou-me que em sua família sempre foi sua mãe a responsável pela cozinha, ainda que seu pai cozinhasse eventualmente. Do mesmo modo, relata que seus dois irmãos realizavam tarefas domésticas em sua casa, porém de modo distinto do seu. Como argumento para sua maior participação nas tarefas domésticas, ouvia o seguinte: “isso é tarefa de mulher, isso é tarefa de menina” (participante I).

Entretanto, ao longo de nossa conversa, a participante falou sobre a conduta de sua mãe com os demais integrantes da família como um ato de cuidado:

[...] minha mãe é muito cuidadosa assim com a gente de casa e, assim, ela que serve todo mundo, ela é a última a comer... Os primeiros a comer são os cachorros, que ela termina a comida antes. Ela termina de fazer a janta, aí serve o meu pai, serve os meus irmãos, me serviria, se eu não achasse isso um absurdo... (Participante I, 2014)

Percebo nessas duas aparentemente opostas relações com a cozinha apresentadas pela participante I e que permeiam a questão da presença feminina na atividade culinária e doméstica, uma mediada e observada pelo viés do carinho e cuidado e, considerada uma atividade que demarca a submissão aos preceitos atribuídos ao papel da mulher. Contudo, a participante desenvolveu um interesse pelas práticas de cozinha como possibilidade de experimentar aquilo que não teve acesso tanto pelas dificuldades econômicas de sua família em determinado período, como por esse sistema alimentar significativamente estruturado em razão de predileções gustativas mais tradicionais (feijão, arroz, bife).

Considero, então, o movimento da participante como uma maneira de tecer para si outro caminho em que esse fazer não é visto como uma obrigatoriedade, mas como independência e autonomia, conferida tanto pela possibilidade de experimentar ingredientes e receitas distintas das produzidas em sua casa, quanto pelo modo de conceber seu papel de cozinheira, seja cozinhando para os outros, seja cozinhando para si. Ou seja, não se trata de rejeitar aquilo que é um possível mecanismo de sujeição, mas de pensar sua reinvenção de acordo com o que se deseja e em que se acredita. Não se trata de abdicar da prática referida como repressora, mas de questionar os sistemas que a fazem funcionar como tal.

O cotidiano como reduto de resistências, como compreende Certeau (2000), é local de “táticas do fraco”. É o espaço daquele que, pelas inúmeras formas de fazer, diversas ao instituído, resiste a imposições e, assim, opõe-se – não como parte integrante de um novo sistema hegemônico, mas pela ausência de um eixo igualitário que estabeleceria uma nova normatividade – à representação objetificadora e determinista. Assim, o fazer oriundo das particularidades do indivíduo é o mesmo que, em um movimento contínuo, possibilita-lhe resistir àquilo que constitui imposição.

Nessas práticas cotidianas, um dos temas que estão presentes na investigação de Certeau e Giard é justamente o cozinhar como meio de fazer emergir as táticas individuais do sujeito nas sutilezas particulares de ressignificar uma prática ordinária e caracterizada pela repetição. Segundo os autores, “a ‘pluralização’ nasce do uso ordinário, daquela reserva imensa constituída pelo número e pela multiplicidade das diferenças” (Certeau; Giard, 2003, p. 341).

Diante da concepção desse fazer como meio de resistência, como local de criação do indivíduo em seu exercício de produção, de acordo com suas particularidades em

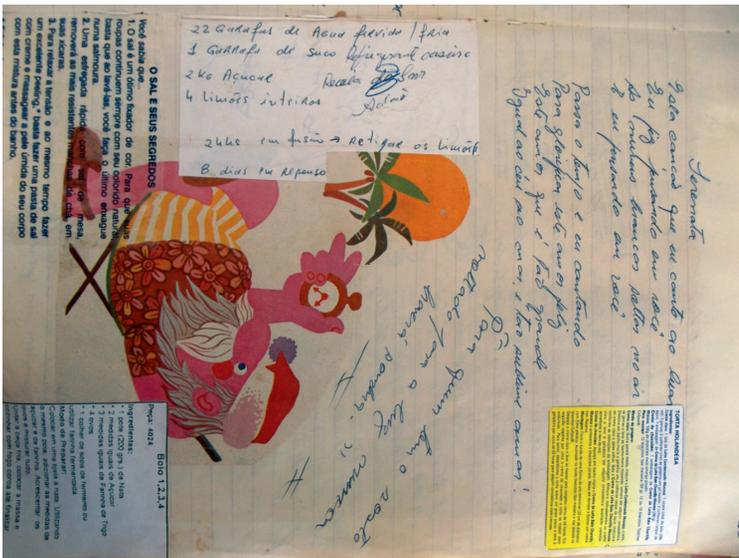
meio ao que tende ao uniformizador, penso, então, aqui não somente a prática da cozinha, mas seu diálogo com modos de dizer-se através dela como “táticas do fraco”, como propõe Certeau (2000), daquele que, por meio de seus pequenos movimentos, despretensiosamente vai burlando as ordens impostas socialmente.

A participante II fala da tentativa de preservar a memória, por meio da cozinha, e de como aquilo que outrora foi condição agora exalta perseverança. Em ambos os casos não há uma negação do fazer, mas sim uma escolha de como fazer. Ou seja, uma forma de produzir uma sutil resistência na norma, sem com isso, necessariamente, propor a extinção de algo.

Tal como as duas participantes, busquei no cozinhar um meio de criação particular e, nela, a consagração de direitos. Com base na referência de minha mãe e na maneira como eu percebia sua relação com esse fazer, acreditei desenvolver minha prática de modo distinto, ou seja, não como uma condição da vida feminina não delimitada pelo cuidado com a família.

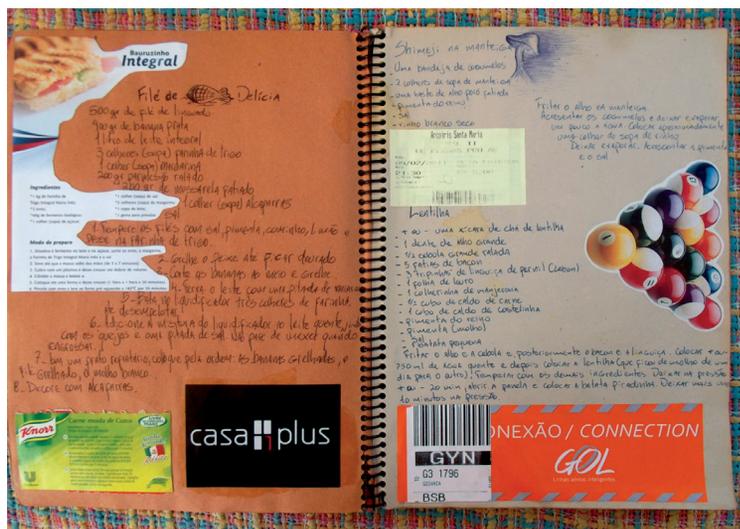
Observando meu caderno de receitas em diálogo com o de minha mãe, percebo que o modo como construí minha narrativa em relação à dela mostra relações de similaridades e distinções com as práticas de cozinha e com as maneiras de se colocar diante da vida sob a perspectiva desse fazer. Por vezes, minha mãe parecia registrar suas experiências no caderno por ele ser parte dos objetos disponibilizados e sugeridos para ela. Entretanto, na perspectiva daquele reduto que concebia como seu acesso (família e lar) que registrava seus dias, que criava um momento de diálogo consigo mesma. Por outro lado, também agregava às páginas, elementos que pareciam alheios à sua vida doméstica, mas que demonstravam o interesse por temas que não se limitavam aos assuntos da casa.

A relação com o meu caderno, a exemplo da minha mãe, não deixa de lado a atenção e o cuidado com aqueles que amo, mas, além disso, fala sobre uma relação com a cozinha que revela, de certa forma, quem sou em outros âmbitos, contando uma vida que com maior acesso ao espaço público. Nesse sentido, as imagens que ali estão, os registros de coisas que vivi ampliam-se como fragmentos de momentos que reconstruo quando observo esses elementos.



Páginas do caderno de receitas da minha mãe. Imagens do acervo pessoal.

E se no passado tive meu contato com a cozinha limitado pelo temor de ser aprisionada por uma prática tão associada à submissão feminina, com o passar dos anos, encontrei a possibilidade de, por meio dela, descobrir modos particulares de produzir algo, meios de contato e diálogo com outras pessoas, aprendizagens diversas resultantes de um fazer e que vão além de conhecimentos técnicos.



Páginas do meu caderno de receitas. Imagens do acervo pessoal.

Portanto, os elementos que constituem os cadernos de receitas expandem-se quando tratam da questão do alimentar-se, do cozinhar, dos engendramentos sociais e culturais presentes nesses atos do dia a dia. Isso tudo me leva a refletir sobre como as práticas cotidianas podem invadir outros setores de nossas vidas e dizer das atividades que neles desenvolvemos. Podem essas práticas também nos dar pistas de como assumimos determinadas condutas e modos de ser. Mais ainda, como esses fazeres podem produzir pequenas formas de indagar e resistir ao que busca nos impor formas de ser e pensar.

Certeau (2000), que discorre sobre as microrresistências inventadas no cotidiano, não as descreve como movimentos revolucionários e/ou lutas fervorosas em busca da garantia de direitos sobre os intuitos repressores. Pelo contrário, frequentemente retoma a característica das microrresistências dos anônimos do cotidiano não como negadoras do poder, mas como fundantes, como ações afirmativas. Essas pequenas formas de resistência produzidas no cotidiano e pelos sujeitos comuns não se constituem por meio de um dilema ou de um confronto, mas sobretudo pelas possibilidades.

Nas narrativas que constituem a investigação, estão presentes não somente desejos de mudança oriundos da percepção sobre si, tecida mediante um fazer, mas também o desejo de preservação de determinadas coisas. Do mesmo modo, criou-se um distanciamento de determinadas situações e posturas que evidenciam reinterpretções daquilo que outrora se questionava e/ou criticava, questões essas verificadas principalmente no que diz respeito ao relacionamento familiar.

Portanto, as pequenas resistências aqui narradas se constituem uma forma de se apropriar de um pedaço da própria vida, de ser produtor em um espaço onde comumente se é apenas receptor passivo. Por serem desenvolvidas conforme cada indivíduo e sua maneira de jogar com aquilo que é dado socioculturalmente, não constituem um modo único de problematização, ou seria melhor dizer, de invenção. São variações sobre um mesmo tema, cada qual com sua tática, cada qual com sua proposta e conquista.

Nos sutis apontamentos deste artigo, busquei, assim, dar uma noção sobre como o referido tema foi trabalhado, com base nos registros dos participantes da pesquisa, no que se refere à maneira como se relacionaram com o fazer culinário e como esse fazer exerceu influência sobre eles. Busquei, sobretudo, enfatizar a compreensão de que as práticas desenvolvidas no cotidiano e por seus sujeitos constituintes são delineadas por posturas ideológicas particulares, bem como são marcadas por cada estrutura socio-cultural na qual estão inseridos. Com isso, pode-se concluir que nos cotidianos, onde nada se parece passar, como menciona Pais (2003), é possível perceber os inúmeros movimentos que constituem mudanças, ainda que em passos lentos e sutis.

## Referências

- BROCKMEIER, J.; HARRE, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, n. 16 (3), 2010. p. 525-535.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 2003.
- ILLERIS, H.; ARVEDSEN, K. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículos e pedagogia da cultura visual. In: Raimundo Martins & Irene Tourinho, (Orgs.). *Culturas das Imagens: Desafios para a arte e para a educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. p. 281-299.
- MITCHELL, W. J. T. Mostrando el ver: una crítica de la cultura visual in.: *Estudios Visuales*, n. 1, dez, 2002. p. 230-249.
- MIRZOEFF, N. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003.
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- VICTORIO FILHO, Aldo. *A arte na/da educação: a invenção cotidiana da escola*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.